



## 2. Princípios gerais de algumas teorias de grupos e sua aplicação aos grupos ofertados no Suas

 **Ana Pincolini**  
Educação Permanente no Suas



# O que é um grupo, afinal?



De acordo com Anzieu (1996), a palavra “grupo” deriva do Italiano “*Groppo*” ou “*Gruppo*” que, por sua vez, deriva de “*grop* = nó” e da palavra alemã “*Kruppa*” = “massa circular”.

“*Groppo*” no dicionário italiano significa: emaranhado, grande nó, dificuldade. Nas artes, significa: pintura ou escultura de várias pessoas juntas compondo um tema.

As línguas antigas não dispunham de nenhum termo para designar “reunião de pessoas”.

O termo grupo, com esse sentido, surgiu em francês na metade do século XVIII e, simultaneamente, em Alemão e Inglês (Pereira & Sawaia, 2020, p.23).

# O que é um grupo?



Para Sartre (1978) antes do grupo há o agrupamento.

Agrupamento = relações de serialidade, aglomerado de pessoas que não interagem entre si e, mesmo que tenham objetivos em comum, não têm objetivos comuns

(ex.: pessoas na parada de ônibus).

A passagem da série (agrupamento) ao grupo implica na consciência dos interesses comuns e no reconhecimento de interdependência. Para Sartre, grupo é um todo dinâmico, movimento “por fazer-se” em relações dialéticas entre as partes.

# O que é um grupo?

Para Fernández (2006) as ideias de nó e massa circular são a base do modelo de reuniões em grupo. As práticas se dão quase sempre em círculo, de modo que todos possam se ver e exista intercâmbio entre os participantes.

“O nó remete aos enodamentos-desenodamentos de subjetividades, os enlaces-desenlaces que se produzem nos acontecimentos grupais” (Fernandez, 2006, p. 26).

Para a autora, não se pode tratar o “grupo” como instância fechada: não há lideranças dentro do grupo que se mantêm fixas do início ao fim do processo, **não há relações de poder que se perpetuem sem instabilidade. Identidade, poder, liderança vão se constituindo à medida que o processo vai ocorrendo.**

# O que é um grupo?

Para Pichon-Rivière (1985) grupo é um conjunto restrito de pessoas que, ligadas por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua **mútua representação interna**, propõem-se a uma tarefa de forma explícita ou implícita, interagindo através de complexos mecanismos de atribuição e assunção de papéis.

A tarefa constitui a finalidade do grupo. A construção do grupo deve passar da serialidade (agrupamento) à grupalidade. Essa passagem se dá em torno da tarefa (ação) que o grupo desenvolve em conjunto e implica em vínculos de reciprocidade entre seus integrantes. **Tarefa** e **vínculo** são os organizadores do grupo.



## O grupo operativo de Pichón-Rivière

A tarefa tem uma dimensão explícita (que é o motivo de constituição do grupo) e implícita (relacionada à elaboração das ansiedades de resistência à mudança).

A resistência à mudança surge ao longo do processo grupal.

A tarefa é do grupo como um todo.

A tarefa é a **operatividade** do grupo. Ela decorre de um conjunto de experiências, afetos e conhecimentos com que os integrantes do grupo pensam, sentem e agem.



## Tarefa:

= os insights ou saltos qualitativos que os integrantes deram juntos

= o motivo explícito da criação do grupo e os motivos implícitos (= ansiedades de resistência à mudança).

Ex.: tarefa explícita: superar a violência em famílias do Paefi.

Tarefa implícita: alteração de crenças limitantes e modos estereotipados de resolver conflitos em família e no próprio grupo, resistência à mudança.



## Pré-tarefa:

= Situação defensiva que estrutura a atitude de resistência à mudança. Quando aparecem os primeiros indícios de mudança, surgem as ansiedades básicas de resistência (perda e ataque):

=medo da perda do equilíbrio já conquistado

=medo do “ataque” da nova situação para a qual ainda não se está pronto.

## Projeto:

= integração que transforma o trabalho grupal em uma criação que vai além da tarefa e produz novas possibilidades de ação dos integrantes, situados em seus contextos e comprometidos/inseridos ativamente na realidade

(= os **efeitos do grupo no contexto dos sujeitos**).

# O grupo operativo de Pichón-Rivière

A técnica de grupo operativo não está centrada nem nas pessoas individualmente, nem no grupo, mas no processo grupal.

O grupo é um sistema de ações que surge a partir das necessidades dos seus integrantes. Os integrantes têm objetivos e uma tarefa para alcançá-los.

Compartilhar necessidades em função de objetivos comuns é um processo contraditório que faz surgirem obstáculos na comunicação, nas relações interpessoais e no conhecimento elaborado pelos integrantes do grupo.

Os obstáculos **precisam tornar-se conhecidos** para serem resolvidos pela ação dos integrantes.



## Apontamentos teóricos gerais sobre práticas grupais

Tomando como base a teoria de Vygotsky, Pereira e Sawaia (2020) discutem quatro categorias analíticas para pensar as práticas grupais:

Desenvolvimento humano/constituição do sujeito

Zona de desenvolvimento iminente/proximal (ZDP)

Mediação e produção de sentidos

Emoção e perejivanie (ou perejivânie)

# Desenvolvimento humano / constituição do sujeito

A literatura comumente trata os sujeitos como datados (criança, adolescente, adulto, idoso), mas nem sempre como sujeitos de um tempo histórico.

Partindo da Teoria Sócio-Histórica de Vygotsky, as teorias de desenvolvimento poderiam ser divididas em três grupos:

1. **Teorias de base interna**: acabam por negar o próprio desenvolvimento uma vez que se desenvolver seria **apenas o aprimoramento daquilo que estava dado desde o nascimento**.
2. **Teorias de base externa**: desenvolver-se = **absorver o que é apresentado pelo meio (sujeito = ser passivo)**.
3. O desenvolvimento humano / configuração do sujeito ocorre a partir da **relação dialética e complexa entre o psiquismo e o meio**.



Vygotsky critica os que diferenciam o desenvolvimento físico (ou “crescimento”) e o desenvolvimento mental como coisas separadas.

Em um todo integrado, físico e psíquico, o sujeito não se “desenvolve” simplesmente, mas se constitui (não há uma essência determinada *a priori* para ser desenvolvida, mas uma constituição que realiza ao longo da vida). O fazer-se sujeito é sempre inconcluso e resulta do modo como singularmente cada pessoa se relaciona ao contexto no qual interage.

Assim, “constituição do sujeito” passa a ser um significado mais adequado do que “desenvolvimento”. A constituição do sujeito é dialética e dialógica, contínua e não linear.



Observa-se a constituição do sujeito comparando o sujeito com ele mesmo: o que surgiu de novo, especialmente o surgimento de uma qualidade nova de nível superior.

**Funções psicológicas elementares ou inferiores:** são a base do processo de desenvolvimento/constituição do sujeito, aparecem no começo da vida e estão ancoradas na hereditariedade. Ex.: sensação, percepção, propriocepção, visão, olfato, audição...

**Funções psicológicas complexas ou superiores:** memória, consciência, linguagem, pensamento, emoção, inteligência. Essas funções têm relação direta com a mediação histórico-cultural e formam-se em um sistema emaranhado de relações. Ex.: pensamento-linguagem-emoção-memória).

- Para o autor, no processo de desenvolvimento, as crianças passam de um relacionamento imediato com a realidade (o próprio corpo, os sons, o choro, o cheiro) para relações que se tornam mediadas pelos significados sociais.
- Na medida em que o sujeito entra em contato com seu tempo histórico, com a cultura, isso altera o seu desenvolvimento e oferece-lhe novas possibilidades de alterar o contexto, que novamente o modifica.
- É quando os sons, o choro, o cheiro são ressignificados: o sujeito escuta sons que alegram e o convidem a dançar, emociona-se, irrita-se. Sons, choro e cheiro passam a ser associados a significados atribuídos.

- Pino (1993) esclarece que as funções biológicas são insuficientes para fazer emergir as funções superiores. E, citando Vygotsky, conclui que as funções psicológicas superiores **se originam das relações** entre os indivíduos.
- Para Vygotsky, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores se dá primeiramente no campo interpsicológico e depois intrapsicológico = a relação entre as funções psicológicas superiores foi, antes, relação real entre pessoas: eu me relaciono comigo tal como as pessoas se relacionam comigo (...).

- O **plano interpsicológico** é o lugar do encontro, do confronto e da negociação de mundos de significação, é o espaço comum de entendimento e produção de sentidos.
- O **plano intrapsicológico** é a dimensão particular, **os sentidos e vivências singulares** nos quais diferentes emoções e ideias são produzidas.

*“(...) só há sujeito porque constituído em contextos sociais, os quais, por sua vez, resultam da ação concreta de seres humanos que coletivamente organizam seu próprio viver” (Zanella, 2005, p.103).*

O sujeito é um corpo em relação, que se constrói no coletivo.

Falar em desenvolvimento, em constituição, é falar em aprendizagem. Aprendizagem e desenvolvimento estão diretamente relacionados (Pereira & Sawaia, 2020).

# Desenvolvimento e Aprendizagem para Vygotsky

- O **desenvolvimento** não é sinônimo de maturação biológica ou crescimento, mas um processo histórico que depende dos encontros vividos.
- A **aprendizagem**, por sua vez, não é inata ou natural, mas historicamente determinada, sendo entendida como “apropriação” da cultura.
  - O conteúdo que será aprendido está fora do sujeito, está posto na realidade e, em função de sua necessidade, o sujeito se apropria dele.
  - “Aprendizagem” não se resume a instrução escolar, pois inclui toda apropriação cultural e suas mediações.
  - O aprender se dá na relação entre o sujeito que aprende, a coisa a ser aprendida e um elemento de mediação, que o autor definiu como sendo a **significação**.

# Zona de desenvolvimento proximal / iminente

- Vygotsky esclarece que o desenvolvimento humano divide-se em dois níveis:
  - **Desenvolvimento real:** é aquele no qual o sujeito apresenta domínio sobre determinadas atividades, conseguindo resolvê-las sozinho.
  - **Desenvolvimento potencial:** é aquele cujas atividades podem ser resolvidas, desde que com a mediação externa.
- A distância entre os dois níveis de desenvolvimento foi definida por Vygotsky, como **Zona de Desenvolvimento Iminente ou proximal (ZDP)**.
- A ZDP é constituída pela relação mediada que possibilita o avanço em direção ao que ainda não está consolidado.
- Vygotsky defende que a instrução, a imitação, a brincadeira etc. produzem zonas de desenvolvimento iminente/proximal.

- A ZDP define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, estão presentes em estado embrionário”  
(Vygotzky, 2007, p. 98).
- A ZDP revela o desenvolvimento que o sujeito pode vir a ter, mas que não necessariamente vai ter, pois isso vai depender dos encontros com os outros.

Os grupos podem se constituir como Zonas de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

A ZDP ocorre por meio das relações grupais e da produção do comum: o comum é extremamente potente na ampliação das possibilidades de cada um e de todos os sujeitos de um grupo.

Práticas grupais = dispositivos de fortalecimento do comum.

*“Nossas práticas, a exemplo de nossos fazeres na política de assistência social, pautam-se na criação e no fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, como forma do fortalecimento de grupos e, por meio deles, criar enfrentamentos às diferentes maneiras de se viver o sofrimento ético-político” (Sawaia, 1999).*

# Mediação / produção de sentido

- Há entre os homens relações diretas e mediadas.
- As diretas baseiam-se nas formas instintivas, de movimentos e ações expressivas (...). Em um nível superior do desenvolvimento aparecem as relações mediadas dos homens, cujo traço fundamental é o **signo**, graças ao qual se estabelece a comunicação (Vygotsky, 2012, p.148).
- O sujeito se configura permanentemente em cada acontecimento, sempre na tensão entre as questões de ordem singular e as relacionadas ao contexto. No entanto, à medida que avança o desenvolvimento, ele não apreende a realidade diretamente, mas por meio da mediação de signos.
- Oliveira (2002, p.26) define mediação como “*o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação*”. A mediação é fundante do processo de constituição do sujeito, pois uma o sujeito se constitui ao se apropriar da cultura em um processo mediado semioticamente.

- As relações são sempre mediadas por “instrumentos semióticos” e que o sujeito não se apropria das relações ou da realidade em si, mas da significação da realidade, e essa significação acontece no ato da comunicação.
- A linguagem é o principal instrumento mediador desses processos de configuração da subjetividade histórico-social.
- A palavra não muda a complexidade do pensamento, mas todo pensamento é palavra.
- O sujeito se apropria dos significados definidos historicamente, mas tendo papel ativo na reconfiguração e criação desses na intersubjetividade.
- O acesso aos signos, principalmente os signos linguísticos, transforma a atividade prática em atividade humana.

# Mediação / produção de sentido

- Vygotsky não defende um processo dualista entre o interno e o externo. O que ocorre é a reconstrução no plano pessoal de algo já existente no plano social, uma reelaboração ou produção de sentidos.
- Pino (1992) esclarece que o termo escolhido por Vygotsky para definir esse processo foi “internalização”. Já Leontiev prefere o termo “apropriação”, que enfatiza a dimensão ativa do sujeito.
- Quando novas vivências são oportunizadas, os sentidos são reapropriados e ressignificados.



# Significado / Sentido

- A significação é o processo de produção de sentidos, composto por uma dimensão **coletiva e estável**, chamada **significado**, e uma dimensão mais **pessoal**, construída a partir dos efeitos psicológicos que a palavra produz no sujeito, chamada **sentido**.
- Compreendemos que o sujeito nasce inserido em um contexto já significado, “formado pelos sistemas de significação construídos ao longo da história social e cultural dos povos” (PINO, 1993, p.21) e passa a se apropriar do contexto produzindo sentidos, “formados pela experiência pessoal e social de cada indivíduo, evocada em cada ato discursivo” (PINO, 1993, p.21).
- Esta apropriação se dá em um processo mediado, ou seja, no campo das intersubjetividades “no lugar do encontro, do confronto e da negociação dos mundos privados” (PINO, 1993, p.22).
- O sujeito não pode ser compreendido levando-se em conta apenas sua história individual, mas precisamos necessariamente compreender sua história familiar, seu contexto social e cultural. “É muito ingênuo interpretar o social apenas como coletivo, como existência de uma multiplicidade de pessoas. O social existe até onde há apenas um homem e suas emoções pessoais” (Vygostky, 2001, p. 315).

# Emoção / Pereživânie

- Inspirado em Espinosa, **Vygotsky coloca a emoção no campo das funções psicológicas superiores**. A emoção é culturalmente aprendida. A emoção não é simplesmente a soma de sensações e reações orgânicas, mas é sempre sentido, vivência e intencionalidade.
- Toda emoção “é uma tendência a atuar em uma direção determinada”.
- Para Vygotsky, o afeto pode resultar em uma **paixão triste**, que **diminui a potência do corpo**, retirando suas condições de reagir, ou pode resultar em uma **paixão alegre**, que aumenta a potência do corpo, ativando-o, transformando-o em direção ao devir.
- Apesar de vivida no âmbito do privado, a emoção é um ato relacional.
- Por isso, ela é ética e política, pois **afeta quem se emociona gerando emancipação ou aprisionamento**. Na medida em que está sendo afetado, o sujeito tem a possibilidade de cristalizar-se ou produzir uma nova racionalidade transformando a si e ao seu contexto.

# Emoção / Perejivânie

- A emoção não é composta apenas de uma manifestação corporal e de uma alteração no estado da consciência que passa a perceber a alteração física do sujeito emocionado, mas ela é fundamentalmente uma perejivânie, o filtro pelo qual experimentamos o mundo.
- Sawaia (2018) destaca que o termo é usado por Vygotsky para indicar que a experiência é sempre mediada pelas emoções, o que explica a singularidade.
- Esse conceito aparece na obra Psicologia do ambiente, uma palestra que Vygotsky deu a mães para explicar por que seus filhos eram diferentes uns dos outros, apesar do ambiente comum.
- O conceito de vivência (perejivânie) se refere ao modo pelo qual o mundo afeta cada um. Perejivanie é um termo bastante difícil de ser traduzido, podendo encontrar traduções como vivência, emoção, experiência emocional.

Para Vygotsky, a mediação é uma forma de superarmos a nós mesmos: singularidades e coletividades se constituem em um constante vir a ser (devir) e a mediação é um trampolim de um estado a outro.

Movimento do singular ➡ coletivo ➡ singular

Ou seja: o humano é movimento constante de tornar-se outro além de si mesmo (Sartre, 1979).

O grupo produz uma zona real de desenvolvimento e também uma zona de desenvolvimento proximal.



**Mas de quais grupos estamos falando?  
Que grupos são esses?**

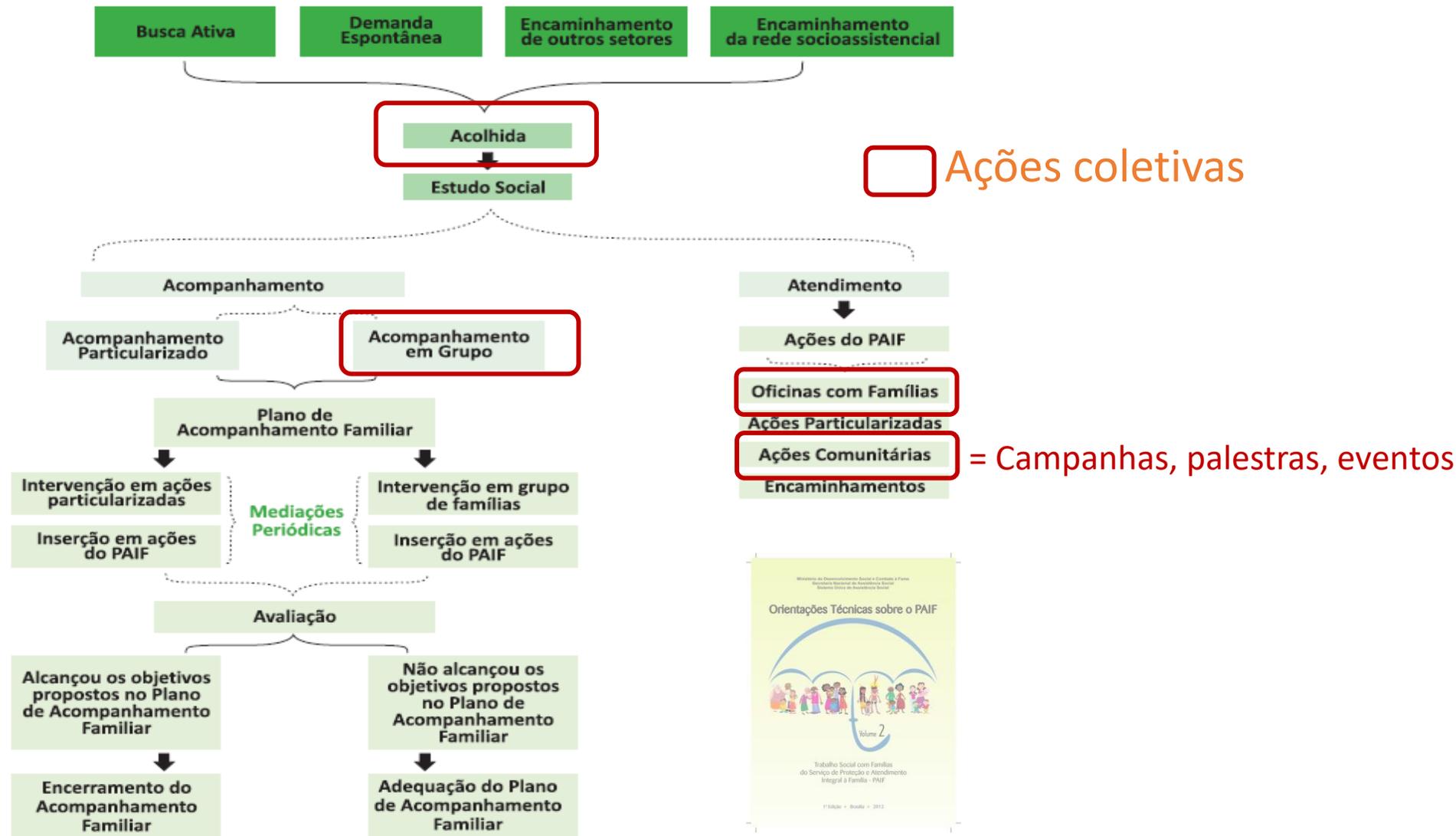
Quais ações, no âmbito do Cras/Paif?  
E no Creas/Paefi?

Estas são formas de acompanhamento familiar do PAIF

Estas são as formas de atendimento familiar do PAIF



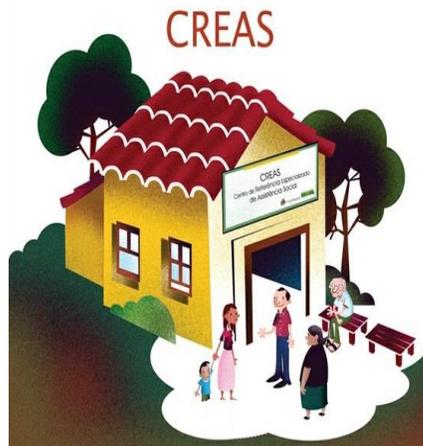
Fonte: Brasil, 2012, v. 02. p. 66



Fonte: Brasil, 2012, v. 02. p. 66

## E no Creas? De quais ações estamos falando?

Frente a essas considerações, do ponto de vista metodológico faz-se importante compreender o trabalho social no CREAS a partir de três principais dimensões **Acolhida**, **Acompanhamento Especializado** e **Articulação em Rede**. Atuando de forma complementar, estas três dimensões devem organizar e orientar o trabalho social especializado desenvolvido no âmbito dos Serviços do CREAS. (Brasil, 2011, p. 58)



Ações que são ou podem ser coletivas no Paefi



## Que grupos são esses:

Moreira (2019) não estabelece diferenças entre grupo, reunião, oficina, roda de conversação ou encontro, **mas estabelece diferença com palestra, seminário e assembleia.**

Para o autor, o que diferencia o grupo dessas atividades não é o quantitativo de pessoas, mas as metodologias adotadas. Assim, palestras, assembleias e seminários não envolveriam um processo grupal. Mas, **por essa perspectiva, a ACOLHIDA já seria um grupo.**



## Que grupos são esses:

Pereira e Sawaia (2020) falam de **pequenos grupos** com intencionalidade, com nó, com objetivo: **não basta reunir para ser um grupo**. Referem-se aos “microgrupos”, que consistem em um conjunto de participantes que mantêm um contato face a face. O campo de práticas grupais que definem tem uma **intencionalidade direcionada ao cuidado e à potencialização da vida**. Independente do contexto, são práticas em espaços de saúde, de assistência, de educação, nas organizações, com intencionalidade para o desenvolvimento de um sujeito livre, criador de si.



As autoras se referem a **processos** de cuidado, que envolvem práticas e intervenções. Para transformar as circunstâncias é necessário que exista um **sujeito reflexivo**, que questione essas circunstâncias, que questione a materialidade que lhe impõe limites e necessidades - e esse processo é possível por meio da prática grupal.

A prática grupal pode e deve provocar dissonâncias, ruídos, reflexão, produzir aberturas para novas afetações. A transformação das circunstâncias exige a presença de sujeitos vivos, livres e reflexivos. Por essa perspectiva, oficinas com famílias com mais de um encontro e grupos de acompanhamento atingiriam tais objetivos.



## Que grupos são esses:

Pichon-Rivière (1985) define “grupo” como um conjunto restrito de pessoas que, ligadas por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua **mútua representação interna**, propõem-se a uma tarefa de forma explícita ou um implícita, interagindo através de complexos mecanismos de atribuição e assunção de papéis.

A construção do grupo deve passar da serialidade (agrupamento) à grupalidade. Essa passagem se dá em torno da tarefa (ação) que o grupo desenvolve em conjunto e implica em vínculos de reciprocidade entre seus integrantes. **Por essa perspectiva, oficinas com famílias (com mais de um encontro) e grupos de acompanhamento poderiam ser considerados “grupos”.**



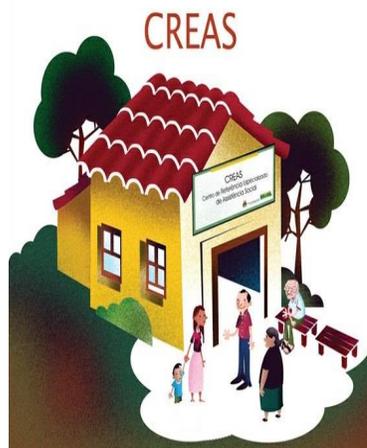
Formas de acompanhamento coletivo no PAIF

Formas de atendimento coletivo no PAIF

Vamos excluir: Eventos, campanhas, Palestras.

Fonte: Brasil, 2012, v. 02. p. 66

Frente a essas considerações, do ponto de vista metodológico faz-se importante compreender o trabalho social no CREAS a partir de três principais dimensões **Acolhida,** **Acompanhamento Especializado** e **Articulação em Rede.** Atuando de forma complementar, estas três dimensões devem organizar e orientar o trabalho social especializado desenvolvido no âmbito dos Serviços do CREAS. (Brasil, 2011, p. 58)



Acompanhamento  
(pode ser em grupo)  
no Paefi

Depende...

Forma de atendimento  
(pode ser em grupo)  
no Paefi



## Acolhida, Oficinas com famílias e Grupos de acompanhamento:

Todos têm em comum:

Zona de desenvolvimento proximal,  
Mediação e produção de sentidos  
Emoção e perejivânie.

Em todos eles precisamos pensar:

O que, como, porque e para que.

Em todos eles teremos que pensar:

No planejamento

No *setting*

No sigilo



**Combinando alguns autores, podemos concluir que “alguns grupos são mais grupos do que outros”:**

**Acolhida em grupo (no Cras ou no Creas):** tende a estar mais próxima da serialidade (agrupamento) do que do processo grupal, tendo em vista que os participantes não têm vínculo entre si (famílias novas) e não têm uma mútua representação interna, já que tende a ser um atendimento único. A depender do autor, pode ser considerada um grupo, porém, considerando a maior parte dos autores, tenderia à serialidade.



**Oficinas com famílias:** são ações de atendimento de Paif que podem ocorrer em um ou mais encontros, porém sempre destinadas a objetivos de curto prazo.

Quando são oficinas de um encontro, tendem à serialidade (o que não quer dizer que não devam ter planejamento e qualidade, mas que não se constituem em um processo grupal). Quando compostas por mais encontros, a depender do planejamento e da condução, podem chegar à grupalidade).



**Grupos de acompanhamento no Paif e Paefi:** por ser uma modalidade de acompanhamento sistemático, constituem-se como um processos grupais nos quais:

Os participantes lidam com tarefa explícita e implícita.

Os participantes constroem vínculos de confiança.

Os participantes desenvolvem a mútua representação interna do grupo.

São ZDP em que a mediação de alguns participantes pode ser disparadora para o desenvolvimento dos demais. São espaços em que as vivências (perejivânie) são compartilhadas e os sentidos são negociados. São espaços de aprendizagem em que os sujeitos se apropriam de novos sentidos e desenvolvem novas respostas – um novo repertório de “estar no mundo” / constituir-se como sujeito.

**São grupos com grandes ambições.**



*Organizei muitos atendimentos em grupo com crianças e jovens, com pais, professores e conselheiros tutelares envolvidos nos casos atendidos.*

*As angústias de organizar, realizar e encerrar grupos sempre estiveram presentes nesse período.*

*Como iniciar o grupo?*

*Quais instrumentos utilizar?*

*Como definir os objetivos do grupo?*

*Como escolher uma temática para a prática que fosse coerente com o objetivo geral do grupo?*

*Como definir o perfil dos participantes do grupo?*

*O que fazer quando as pessoas falam e fogem do tema proposto, ou ainda, se não falam nada durante a prática?*

*Como encerrar a prática ou o processo?*

*O que dizer?*

*Como fechar?*

*(Pereira & Sawaia, 2020)*



## **Planejamento: alguns elementos que ajudam a dar essas respostas e são aplicáveis a todos os tipos de grupos:**

- Definição dos objetivos do grupo.
- Definição do enquadre grupal.
- Definição dos instrumentos dialógicos.
- Definição do setting grupal.

## **Execução:**

- Análise de expectativas.
- Enunciação ou construção do contrato grupal.
- Sigilo profissional.
- Planejamento continuado (especialmente para grupos de acompanhamento).

## Planejamento do grupo

Um bom planejamento inclui estudo dos temas que serão debatidos, atividades, registro, sistematização e **proposição de ações com incidência política que extrapolem os muros da instituição** e se articulem com outros sujeitos coletivos (Moreira, 2019).

Planejar é conseguir ver o grupo sendo realizado no futuro, mas tendo clareza que ele não se concretiza como foi imaginado, pois está sujeito às condições de um mundo concreto, às pessoas que compõem a prática, à temperatura do ambiente, à sala escolhida, à disposição das cadeiras, ao afeto produzido pela presença ou ausência das pessoas e ao instrumento dialógico escolhido, ao cansaço de cada pessoa, às condições de vida e de produção de sofrimento às quais elas têm sido submetidas (Pereira & Sawaia, 2020).

## **Quais os objetivos desse grupo?**

Apresentar o Cras e abrir o prontuário das famílias na unidade (acolhida)?

Tratar um tema específico e desenvolver atividades práticas (oficina com famílias)?

Ofertar acompanhamento familiar (grupo de acompanhamento)?

## **Enquadre grupal: o desenho do grupo**

Como deve ser definida a composição do grupo?

Ele deve ser aberto ou fechado?

É contínuo ou tem duração limitada?

Todos devem ter queixas similares ou podemos ter todo tipo de participantes?

Precisamos realizar entrevistas iniciais?

Qual o número de membros em um grupo?

Quanto tempo devemos reservar para cada etapa da prática?

**Composição do grupo:** a composição do grupo depende dos objetivos propostos, da população para quem se oferece o serviço e de possibilidades do contexto.

**Grupos abertos:** têm objetivos mais amplos, são contínuos e se comportam como se fossem encontros únicos, por isso ocorrem em dia e hora marcados, para que os interessados possam participar tendo a clareza que o grupo acontecerá.

**Grupos fechados:** têm objetivos mais específicos, o que faz com que tenham um número de encontros predefinidos. Pode ocorrer que, mesmo havendo desistências, os participantes não sejam substituídos ou que essa seja uma decisão do grupo a partir de uma compreensão de como se encontra o processo grupal.

Em todos os casos, a intencionalidade é sempre de cuidado, de ampliação da potência, de desenvolvimento dos sujeitos.

## Grupos de vítimas e agressores

- Muitas vezes, especialmente nos Creas, formam-se grupos de vítimas ou de agressores. Tenho problematizado essa prática, tendo em vista que cristaliza papéis de “vítima” e “agressor”.
- Da mesma forma, grupos homogêneos por tipo de risco (violência sexual, violência física, negligência) tendem a não ter muita riqueza de discussão e reflexão.
- Tenho sugerido grupos de famílias, independentemente da posição dos RF participantes. No caso do Creas, o objetivo é problematizar padrões violadores de direitos dentro da família e modos de relação mediados pela violência. Desnaturalizar formas cristalizadas de violência e comunicação estereotipada parece ser o objetivo do grupo com as famílias no nível “interno”. No nível “externo”, problematizar o suporte/acesso à rede de modo a efetivar direitos que deem suporte à função protetiva da família.

## Grupos homogêneos ou heterogêneos

- Rasesa e Japur (2003) problematizam a questão da homogeneidade, quando nos lembram de que ela “é uma construção teórica existente a partir da visão de quem planeja o grupo, e não uma qualidade própria dos participantes. Os participantes de um grupo são homogêneos em relação a algumas variáveis e heterogêneos em relação a outras”.
- Não há garantias para que um grupo de mulheres gestantes possa ser considerado um grupo homogêneo, pois apesar de serem todas mulheres e gestantes, sua posição no mundo as coloca em lugares sociais e de constituição de si muitos heterogêneos. Ao mesmo tempo, sua condição, gravidez, de alguma forma pode facilitar momentos de homogeneidade.
- O objetivo do processo precisa ser levado em consideração para a definição da composição grupal, tendo clareza que homogeneidade e heterogeneidade são momentos do processo e não estruturas fixas que definem sujeitos.

## **Definição dos instrumentos dialógicos (Pereira & Sawaia, 2020):**

- Quando planejamos a prática grupal, o instrumento dialógico precisa ser planejado.
- É preciso escolher o instrumento e experimentá-lo antes do encontro, é preciso saber que tipo de afetos esse instrumento causa, para não ser surpreendido pelas afecções na hora do encontro, é preciso pensar e imaginar as possibilidades de conversa que o instrumento oferece.
- Mesmo tendo clareza de que podem não ser essas as conversas realizadas na hora do encontro, é necessário escolher um recurso aberto, que não feche o diálogo, mas se torne uma mediação reflexiva.

- **Há várias possibilidades de instrumentos dialógicos. Eles se constituem assim quando:**

- interrompem a ação, fazendo rupturas naquilo que está calcificado (ex.: filme “Acorda Raimundo!”)
- Fazem surgir as contradições (ex.: discussão sobre a pensão alimentícia).
- Impõem ao sujeito a necessidade de se deparar com o olhar do outro sobre si.
- Estimulam a consciência reflexiva.

No caso da prática grupal, o instrumento deve oferecer um olhar estético para o cotidiano, um olhar que descrystalize os modos já naturalizados de ver, sentir, pensar e se emocionar.

Pode ser um mapa, filme, obra de arte, desenho, música, poesia, dinâmica de grupo...

## **Exemplo 1 (Pereira & Sawaia, 2020):**

*O instrumento utilizado para disparar a conversa foi o poema “No meio do caminho” de Carlos Drummond Andrade. Foi entregue uma cópia para cada participante e uma das coordenadoras leu o poema para que todos pudessem acompanhar. Nosso objetivo foi permitir que os membros do grupo pudessem falar sobre as dificuldades da vida, e despertar formas de enfrentamento desses momentos.*

*Rosa conta sobre seu câncer de mama, seus sofrimentos (...) e os membros do grupo se mobilizam durante sua narrativa. Após ouvir a história de Rosa, a participante Nádia, de 20 anos, que acompanhava seu filho de um ano e sete meses ao médico, começa a trazer sua experiência para a roda de maneira tímida e evidentemente angustiada. Ela começa contando que sua amiga, Andrea, que estava ao lado, a alertou para que ela não falasse, mas ela decidiu contar. Ela conta então que estava grávida, e que esta gravidez não havia sido planejada. Conta que juntamente com a gravidez, veio o afastamento do emprego, em que ela comenta com desânimo: Agora que eu estava no emprego e queria mudar de vida. Conta ainda que mora com sua sogra e a cunhada, que sua única amiga é Andrea e sua família está toda no Maranhão.*

*Os membros do grupo começam a questionar sobre seu marido e o papel dele nesse processo. Começam a falar que toda gravidez é uma benção e que ela deveria aprender a desejar esse filho, demonstraram nas falas um evidente julgamento. Até que Andrea, a amiga, diz: - Uma criança não é uma pedra, mas para ter uma é preciso ter recurso, então eu te entendo. A fala de Andrea mobiliza outras pessoas no grupo, que até aquele momento não haviam se manifestado, que passam a defender as preocupações de Nádia sem parecer julgá-la (Diário de Campo, 05/03/2013).*

## **Exemplo 2 (Pereira & Sawaia, 2020):**

- (...) neste dia o instrumento escolhido foram os ditos populares. Organizamos uma caixinha, com vários ditos populares e ela foi passando de mão em mão. As pessoas foram pegando um e depois que todos pegaram, a coordenadora do encontro abriu a discussão pedindo para que quem se sentisse à vontade, lesse e falasse sobre o que tinha na caixinha. O primeiro dito lido foi “Em boca fechada não entra mosca”. O grupo não disse nada a respeito. Fez-se o silêncio. A coordenadora pergunta sobre falar e calar e quando é necessário ou ruim ficar calado. Seu Joaquim diz que é bom ficar calado porque pelas tecnologias hoje serem diferentes de seu tempo, é sempre criticado pelo filho quando fala alguma coisa, é taxado como velho e, por isso, prefere não falar nada. O grupo não prolonga a discussão e Elenice já emenda a conversa lendo seu dito que dizia “Quem tem telhado de vidro”. A sequência que se deu foi de uma enxurrada de leitura de ditos populares e pouco ou quase nenhuma produção de sentidos.

(Diário de campo, 19/09/13).

- Há inúmeras possibilidades, desde que essas se façam aberturas, produção de sentidos.
- Quando falamos em produção de sentidos, em processo reflexivo, não estamos aqui defendendo um “processo de conscientização” nos moldes que Chauí nos alerta. A autora nos convida a pensar que o outro é “um acontecer, um fazer-se, ação e reação, conflito e luta, movimento de autodescoberta e de autodefinição pelo seu próprio agir” (Chauí, 2016, p. 255).
- Desse modo, convoca-nos a pensar nos riscos das propostas de conscientização, que entenderiam de um lado os sujeitos sem consciência e do outro os sujeitos capazes de oferecer-lhes tal conscientização, como se esses últimos não fossem também sujeitos de uma sociedade cujas ideologias os constituem.
- Desse modo, os primeiros seriam imaturos, ignorantes e alienados e os segundos, maduros, cujo saber e verdade lhes pertence, definindo claramente uma relação hierarquizada e verticalizada.
- A autora nos convida ainda a não abandonar a proposta da conscientização desde que todos, no processo, possam se pensar e colocar em xeque o discurso das verdades acabadas.

## **Setting grupal (Pereira & Sawaia, 2020): um pouco mais que o “onde”**

O que define a possibilidade de nos ouvirmos não é exclusivamente nossa localização espacial, mas a constituição de um espaço convidativo, organizado para que a prática amplie as possibilidades de diálogo, com uma postura acolhedora de quem coordena o grupo, permitindo que todas as vozes tenham espaço.

## Como planejar o setting grupal?

O que define um setting? Não há uma resposta pronta. Questione-se:

Quem são os sujeitos participantes do grupo?

O espaço é adequado ao número de participantes?

Eles estarão confortáveis nesse espaço?

É possível sentar-se adequadamente, amenizar o calor e barulhos indevidos?

Todos os instrumentos preparados para a prática poderão ser utilizados nesse lugar? Se formos assistir um trecho de filme, todos irão ouvir o som da TV ou da caixa de som? Se forem escrever, há lugar adequado para isso?

Defina o objetivo da prática e certamente você conseguirá definir se o espaço que tem é ou não é um “setting” adequado para aquele grupo.

## **Exemplos de setting (Pereira & Sawaia, 2020):**

Ex.: Sentados em círculos em uma sala fechada, adequadamente arejada, de forma que todos possam se ver e ouvir (como indicam os manuais) é tão produtivo quanto em toalhas sob a sombra da árvore se esse for o único espaço adequado. O gramado é certamente um espaço mais convidativo que uma sala qualquer, ocupada apenas por ter a agenda livre para o dia.

Ex.: numa prática grupal de sala de espera, as interrupções com entrada e saídas de novos participantes durante a discussão ou de profissionais que passam, observam e muitas vezes opinam sobre o que está sendo discutido, fazem parte do processo proposto. Desse modo, as interrupções na sala de espera não precisam ou não podem ser contidas o que não significa que o espaço não seja um setting grupal: depende dos objetivos daquele grupo.

## **Execução do grupo:**

### **Análise de expectativas e construção do contrato grupal:**

- Após o planejamento, que incluiu a definição dos objetivos do grupo, o enquadre grupal, a escolha dos instrumentos dialógicos e a definição do setting grupal, é hora de iniciar o processo grupal, que começa com a análise das expectativas e a construção do contrato grupal.
- Mesmo quando tendem à serialidade (acolhida, oficina de um encontro), é importante compreender as expectativas e construir o contrato grupal.

- **Momento coletivo com um encontro pontual (acolhida ou oficina com famílias com apenas um encontro):** fazer a avaliação das expectativas dos participantes do encontro (uma breve rodada) e enunciar um breve contrato grupal, incluindo sigilo, respeito à participação e a palavra dos demais etc.
- **Oficina aberta contínua:** o início de cada encontro exige a avaliação das expectativas e um momento de enunciação do contrato grupal (ex.: oficina aberta semanal), mesmo que algum participante já tenha frequentado alguma vez.

**Grupo fechado com duração limitada ou contínua:** pode ser interessante pensar em organizar encontros individuais prévios para conhecer os sujeitos mais singularmente, entendendo suas demandas para o processo e apresentando a proposta grupal, identificando se as expectativas dos sujeitos podem ser alcançadas no processo proposto. Ex.: encontros prévios para elaboração do PAF com famílias do Paif e do Paefi.

No primeiro encontro é importante propor uma avaliação de expectativas no coletivo, a fim de conversar sobre os alcances possíveis da prática, além de fundamentalmente **construir e formalizar o contrato grupal**, que vai muito além do dia e horário do encontro, pois passa pela possibilidade de fala e escuta respeitosa, pelo cuidado e pela ética. É preciso definir ainda, se o grupo se dispõe a receber novos membros e como isso se dará. Ex.: grupos de acompanhamento familiar do Paif e Paefi.

## **O que vale para grupalidades, em especial, Oficinas com famílias e que tenham mais de um encontro e Grupos de acompanhamento familiar**

- Pereira & Sawaia (2020) defendem que o planejamento aconteça a cada encontro e de forma alguma para uma totalidade dos encontros.
- Planeje o encontro, vivencie a prática juntamente com as pessoas do grupo, avalie o processo e só então planeje o encontro seguinte.
- Nos primeiros encontros, pode ser interessante dedicar bastante tempo à formação do vínculo de confiança, o que pode exigir maior estruturação dos encontros. No entanto, à medida que avança o processo grupal, ele se torna mais flexível.

## **Sigilo profissional**

Moreira (2019), ao comentar a questão do sigilo, diz:

*O sigilo profissional requer (re)discussão no serviço social. Não se trata de algo novo na área, visto que esteve presente nos cinco códigos de ética dos assistentes sociais, seja tratado como sigilo, seja pensado como segredo. Gisela Konopka já tinha posição interessante sobre isso em 1960: “O sigilo, fator importante em determinados grupos com os quais o assistente social de grupo trabalha, não é um fator indiscutível como ocorre no serviço social de caso. Deve ser estabelecido por um esforço especial e voluntário por parte dos membros do grupo, cada um deve comprometer-se a agir responsabilmente, de acordo com o que deles exige um determinado ato*

**(Konopka, 1979, p. 135, Apud Moreira, 2019).**

## **Sigilo profissional:**

A visão de Konopka, recuperada por Moreira (2019), é interessante para os demais profissionais também, não apenas para o Serviço Social:

Sigilo é diferente de **SEGREDO**

Sigilo é **COMPROMISSO** e **AQUISIÇÃO RELACIONAL**.